



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 54/2009
Contatos: secretaria@isb.org.br

O ENCANTO DA PALAVRA

A palavra é o feito primordial do ser humano. O “homo” desabrochou quando falou, e a palavra ficou como o símbolo catalisador da razão. O ser humano é racional porque fala, e fala porque é. A palavra falada tem, então, para o homem, um encanto especial abrigado no imo mais profundo do seu ser. O encanto da palavra é mais claro e mais forte em emoções que o da própria música. A música entra e atinge diretamente a alma; a palavra vem da alma, já está impregnada lá no fundo dela.

Depois veio a palavra escrita, outro estágio evolutivo mais sofisticado do ser humano, a palavra escrita é mais pensada, elaborada, dá ensejo à leitura, que é um exercício estupendo da razão, e acumula ensinamentos para as gerações sucessivas. A palavra escrita é a civilização. Quando ela foi multiplicada pela invenção da imprensa gerou a descoberta do mundo e a explosão do desenvolvimento humano.

Tudo isso de preâmbulo para dizer que Helena Solberg fez um belo filme: “O encanto da Palavra”. Um documentário difícil, pelo risco de cair do elitismo pretensioso ou resvalar para a amenidade vulgar. E, no entanto, passou brilhantemente entre esses dois escolhos e se mostrou um longa metragem bonito, interessante e em muitos momentos bem comovente. Os destaques ficam com Chico Buarque, com seu talento multiforme, cultivado em fértil solo cultural familiar, desde menino se mostrando admirável na ousadia de musicar “Morte e Vida Severina”, o grande poema teatral de João Cabral; ficam também com a forte e bela personalidade de Maria Betânia, em cabelos de fada a recitar Fernando Pessoa e falar de Caymmi; com Caetano muito jovem, sem lenço e sem documento, conquistando um quarto lugar que seria o primeiro, vencedor de toda uma geração de composições, o “Alegria Alegria”; com Antônio Cícero, muito sério e cuidadoso, a ler o seu belo poema inspirado na saudade do pai; e com Ferrez, majestoso, a explicar o Rap, embutindo literatura e livros dentro dele, coisa surpreendente para mim que tenho ainda dificuldade em entender este Rap. Estou mencionando pontos do filme que excitaram mais minha emoção, na hora e ainda agora na memória; deveria talvez citar ainda o Lenine, muito bom; mas é todo ele encantador, o filme, e pretendo vê-lo novamente, para melhor captar a graça de outras partes.

Em paralelo ao encanto da poesia, o documentário de Helena Solberg faz jorrar outras fontes de emoção: mostra cenas dos anos trinta, quarenta, até sessenta, do tempo em que o Brasil estava formando sua idade adulta. Tempos que eu vivi com muitos ânimos, envolvido em acontecimentos políticos, repercutidos em minha casa, que se desenrolavam misturados com os ecos tardios da semana de 22 e da liderança iluminada do grande Capanema nos quarenta, com o esplendor do Rio de Janeiro nos cinqüenta, com a Bossa Nova, a depois a Tropicália nos sessenta, a poesia de Carlos Drummond e de João Cabral, de Vinicius com Tom Jobim, com o Grande Sertão de Guimarães Rosa, este monumento, com a filosofia do ISEB, arrebatadora, compondo um caldo de cultura do Brasil jovem, energizado, confiante em si como a imagem da cara sorridente de Juscelino.

O filme faz reviver tudo isso em duas horas, e a gente sai do cinema com o sentimento de ter sido privilegiado pela vivência deste tempo excitante, que hoje, revisto, se mostra histórico, memorável. Saí do cinema pensando, que feliz eu sou, que vi o Brasil crescer, se emancipar, tornar-se adulto e seguro de si no fim do século, a ponto de eleger um trabalhador, um torneiro mecânico vindo menino do interior do Nordeste, e confiar nele para ser seu Presidente e inaugurar um novo tempo da sua História.

O cinema cheio, várias salas exibindo a fita, gente interessada em assistir um documentário sobre poesia. Que coisa alentadora.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br